

# AS PRÁTICAS DO TELEJORNALISMO NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO: UM DIAGNÓSTICO DE EMISSORAS DO RIO GRANDE DO SUL

Ana Maria Acker  
Ana.acker@ulife.com.br  
Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter

## Resumo

A presente pesquisa realiza um mapeamento das características editoriais dos telejornais das emissoras de Porto Alegre a fim de identificar as percepções dos profissionais acerca do fenômeno da desinformação. A metodologia se organiza por meio de entrevistas semiestruturadas com os jornalistas e a partir da análise da materialidade audiovisual (Coutinho; Falcão; Martins, 2019) dos programas. A proposta tem como *corpus* os seguintes veículos: RBS TV, Band RS, Record, TV Pampa, SBT, TVE RS e TV Assembleia. O objetivo fundamental é compreender como os principais telejornais do Rio Grande do Sul detectam e combatem os fluxos de conteúdos falsos na interface entre televisão e internet.

**Palavras-chave:** Telejornalismo; desinformação; Interação.

## Introdução

O fenômeno da desinformação na Internet se apresenta hoje como um dos principais desafios para a sociedade, governos e academia. O alcance, os impactos provocam a criação de ferramentas rápidas e eficazes tanto no combate como na educação da população em geral que, na maioria dos casos, encontra dificuldades para o discernimento entre o que é verdadeiro ou não no ambiente digital. Os projetos que visam identificar conteúdos falsos, ou *fake news* popularmente chamados, são promovidos, fundamentalmente, pelo Jornalismo, Publicidade, órgãos públicos e iniciativas ligadas a educadores e universidades. Porém, essas ações operam principalmente com recursos textuais com o intuito de esclarecer a origem e teor do material amplamente compartilhado.

No Brasil, são inúmeras as iniciativas, com destaque para as agências de checagem e verificação. O Jornalismo digital e o impresso têm se ocupado diretamente de tal tarefa, porém a interconexão mais efetiva com mídias eletrônicas se faz urgente, e entre elas está a televisão e o respectivo foco da produção noticiosa neste meio. Assim, o escopo da pesquisa se situa, sobretudo, em emissoras de Porto Alegre a fim de entendermos como a televisão e o telejornalismo buscam barrar o avanço da desinformação.

Ao avaliar o campo de estudos da televisão no Brasil, Flávio Porcello (2015) reitera a importância de se decifrar os sentidos deste meio: “entender seus sons e silêncios, o que a TV diz ou deixa de dizer, o que mostra e o que deixa de mostrar, enfim, compreender e discutir o discurso político da televisão” (Porcello, 2015, p. 153). Em síntese, pela dimensão que tem, a televisão possui o compromisso social e político de se posicionar diante do impasse dos conteúdos duvidosos. As repercussões desses compartilhamentos não se restringem às situações de desinformação durante a pandemia de COVID-19 (Costa; Nóbrega; Toscano, 2022) ou nas eleições, já que a percepção de pós-verdade é mais ampla, pois “hoje é muito mais fácil, para um agente político e para as pessoas em geral, manipular dados conforme sua vontade” (Bucci, 2018, p. 22). Ou seja, há um ambiente multiplataforma que favorece a explosão de redes de desinformação.

Os contextos digitais têm sido mais observados e investigados, contudo a forma como a desinformação apela aos afetos envolve, principalmente, conteúdos visuais e audiovisuais. Uma pesquisa realizada ainda no auge da pandemia (entre março e outubro de 2020) pela organização União Pró-Vacina (UPVacina) demonstrou que 65 vídeos com mentiras sobre vacinação publicados em 37 canais conseguiram alcançar mais de 3,8 milhões de pessoas. Ou seja, um número expressivo que demonstra a urgência de se analisar outros meios de circulação de imagens noticiosas, como é o caso da televisão.

Embora as mudanças promovidas pela web tenham efeitos em todos os meios, a televisão segue como um veículo de tradição entre o público brasileiro. A partir do entendimento de Eduardo Meditsch (1992), de que o jornalismo é uma forma de conhecimento, Alfredo Vizeu (2009) vai argumentar que a notícia na TV consegue se aproximar do público de maneira peculiar, fundamentalmente pela potência da imagem.

Assim, intentamos compreender como as emissoras de Porto Alegre, RBS TV, Band RS, Record, TV Pampa, SBT, TVE RS e TV Assembleia, percebem e enfrentam o fenômeno da desinformação em seus telejornais. Como metodologia, utilizamos entrevistas semiestruturadas com profissionais e a análise dos programas pela investigação da materialidade audiovisual (Coutinho; Falcão; Martins, 2019). Partimos do pressuposto de que os veículos ainda possuem um caminho a explorar no enfrentamento às redes de desinformação não apenas pela articulação com o digital, como também pelo fortalecimento do potencial jornalístico televisivo, responsável pela consolidação deste meio no imaginário brasileiro.

## Métodos

A trilha metodológica se desenvolve, primeiro, neste mapeamento acerca das características editoriais das emissoras, a análise da materialidade audiovisual (Coutinho; Falcão; Martins, 2019) dos telejornais e a realização de entrevistas com os editores-chefes dos programas. A análise da materialidade audiovisual, articulada por Iluska Coutinho (2019; 2021), é um método que busca organizar uma proposta analítica para o campo do telejornalismo, uma vez que não é comum encontrarmos muitas metodologias para esse gênero televisivo. A dramaturgia do telejornalismo leva em consideração todo o contexto que o material a ser analisado está inserido. Além disso, Coutinho, Falcão e Martins (2019) compreendem que decompor em muitos elementos a materialidade audiovisual televisiva pode acabar por descaracterizando-a.

Desta forma, o processo de análise considera que:

[...] as etapas envolvem desde o conhecimento das emoldurações daquilo que se busca analisar passando pela compreensão das promessas ou modos de endereçamento, suas formas de anúncio reconhecidas nos mais diferentes espaços de divulgação e apresentação (chamadas, vinhetas, sua posição na grade de programação ou textos de postagens de conteúdos audiovisuais no ambiente web), pelo mapeamento preliminar do objeto ou materialidade audiovisual a analisar até o estabelecimento dos eixos e categorias de avaliação, realizado em diálogo com o referencial teórico e com as questões motivadoras de cada investigação (Coutinho; Falcão; Martins, 2019, p. 9).

A construção das categorias de análise deve levar em conta as perguntas da pesquisa. Uma estrutura possível para compor a investigação parte desses eixos delineados por Coutinho; Falcão; Martins, (2019):

1) identificação do objeto audiovisual (e suas propostas); 2) elaboração dos eixos de observação e da ficha de análise; 3) Pré-teste do instrumento; 4) pesquisa documental/ definição e obtenção da amostra a ser investigada; 5) construção de parâmetros de interpretação dos dados e, em casos em que há mais de um pesquisador envolvido ou que o volume a avaliar é extenso, sistematizar um material de codificação (Coutinho; Falcão; Martins, 2019, p. 9).

Estamos em fase de finalização das entrevistas e coleta de dados para o cruzamento com o conteúdo dos telejornais das emissoras do *corpus*. A comparação entre as respostas dos entrevistados e os telejornais nos dará o diagnóstico de como a televisão no Rio Grande do Sul percebe e enfrenta a desinformação.

## **Resultados e discussões**

As emissoras priorizam muita prestação de serviço nos telejornais e as falas dos editores demonstraram as preocupações com a produção noticiosa amplamente verificada. Os programas da Record apostam em interação ao vivo com o público por meio de um WhatsApp. Muitas pautas chegam pelo canal e tudo é checado antes de ir ao ar. Se há a recorrência de algum conteúdo tendencioso ou falso, é produzida uma reportagem de esclarecimento, mas não há quadro fixo sobre checagem.

O Bom Dia Rio Grande, da RBS TV, não faz interação ao vivo via WhatsApp. RBS Notícias produz pautas com orientações para a prevenção de golpes online. Não há quadro fixo sobre checagem. Porém, na participação da redação do G1 no Bom Dia, há casos de atuação do Fato ou Fake, serviço de checagem do Grupo Globo. Isso só acontece quando o assunto verificado diz respeito diretamente ao Rio Grande do Sul.

A Pandemia da COVID 19 e Enchentes de maio de 2024 são citadas como eventos de grandes proporções que impulsionaram a produção de reportagens e entrevistas de verificação demandadas por casos de grande repercussão. Há um entendimento de que a circulação dos telejornais em plataformas digitais evidencia uma necessidade constante de interação e trocas entre o que reverbera na web e o que é veiculado na televisão.

No SBT, há um whatsapp de comunicação direta com o telespectador. Muitas pautas chegam por esse canal e todas são checadas antes de virarem reportagens. Geralmente, há conteúdos com orientações contra golpes.

A TV Assembleia não se preocupa com audiência – o foco é dar espaço para as múltiplas perspectivas do Poder Legislativo. Há 55 vozes constantes na emissora com a função de mostrar as ações políticas dos deputados à sociedade. A emissora busca produzir mais conteúdos para as redes sociais, que reproduzem orientações contra desinformação, especialmente, em época de eleição.

Na Band RS, também há uma preocupação em ampla checagem das sugestões de pauta que chegam pela audiência. Assim, como outras emissoras, há uma recorrência de coberturas sobre golpes digitais. A valorização de especialistas nas reportagens é enfatizada pela emissora e o editor defende a reiterada prática da checagem e verificação.

## Conclusões

A pesquisa demonstra que não há quadro fixo sobre checagem nos telejornais de emissoras de Porto Alegre. O único que realiza tal ação, eventualmente, é o Bom Dia Rio Grande, da RBS TV, pela parceria com o Fato ou Fake, do G1. As empresas jornalísticas apostam em reportagens de esclarecimento sobre golpes virtuais, o que configura um esforço de educação digital.

Existe a compreensão de interação com plataformas digitais, entretanto a checagem mantém parâmetros televisivos de produção. Identificamos, assim, que o combate à desinformação na televisão possui características distintas do digital. Embora o termo desinformação não seja utilizado em reportagens de checagem, a TV ainda busca modos de lidar com o fenômeno e estratégias de cumprir seu papel como espaço de jornalismo que reforça a credibilidade diariamente.

## Referências

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da informação. **MATRIZES**. Ano 6 – nº 1 jul./dez. 2012. São Paulo – Brasil. p. 25-41. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/1430/143024819003.pdf>>.

BRUNO, Fernanda. Tecnopolítica, racionalidade algorítmica e mundo como laboratório. **DigiLabour laboratório de pesquisa**. Entrevista. Out., 2019. Disponível em:

<<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/594012-tecnopolitica-racionalidadealgoritmica-e-mundo-como-laboratorio-entrevista-com-fernanda-bruno>>.

BUCCI, Eugênio. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 19-30. Janeiro/fevereiro/março 2018. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574/140220>>.

CERQUEIRA, Laerte; VIZEU, Alfredo; GOMES, Elane. **A desinformação no noticiário de televisão**: o dispositivo da curadoria no telejornalismo. In: PEREIRA, Ariane (Org.) et al. Qualificação da informação telejornalística: propostas teóricometodológicas de combate à desinformação. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022. p. 99 – 117.

COSTA, Luciana Miranda; NÓBREGA, Lizete; TOSCANO, Carolina. Combate à desinformação na pandemia da Covid-19: a reação das plataformas digitais. **Revista EPTIC**, Vol. 23, Nº 1, Jan. - Abr. 2021. Disponível em:

<<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/14647>>.

COUTINHO, Iluska; FALCÃO, Luiz Felipe Novais; MARTINS, Simone. Dos eixos à análise da materialidade: o audiovisual observado, compreendido e experimentado em toda sua complexidade. **Anais 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 02 a 07 set. 2019. Disponível em:

<<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2135-1.pdf>>.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Suspensões da percepção**: atenção, espetáculo e cultura moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DONEDA, Danilo; ALMEIDA, Virgílio. O que é governança por algoritmos? In: BRUNO, Fernanda [et al]. **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

DOURADO, Tatiana. **Fake news**: quando mentiras viram fatos políticos. Porto Alegre: Zouk, 2021.

FINGER, Cristiane; MUSSE, Christina; MELLO, Edna. O papel do telejornalismo no combate à desinformação no Brasil. **XVI Congreso de La Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación (ALAIC)**. Septiembre, 2022.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**: ensaios e entrevistas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

\_\_\_\_\_. **Não-coisas**: reviravoltas do mundo da vida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PARISER, Eli. **O Filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. São Paulo: Zahar, 2012.

PEIRANO, Marta. **El enemigo conoce el sistema**: Manipulación de ideas, personas e influencias después de la economía de la atención. Barcelona: Debate, 2019.

PEREIRA, Gustavo; COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone. Diálogos entre telejornalismo local e nacional na cobertura da pandemia do Coronavírus. **Revista Temática**, Ano XVII, n. 5, maio de 2021. p. 80 – 96. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/59305/33371>>.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. **Reflexões sobre as pesquisas em TV no Brasil** -propostas metodológicas e formas de análise dos telejornais. Revista Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 146-162, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58172/35364>>.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2007. E-book. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

SANTOS, Kassia Nobre dos. **Em busca da credibilidade perdida**: A rede de investigação jornalística na era das *Fake News*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Vinicius Guedes Pereira de. Fake News política no Brasil – da ficha falsa da Dilma à *deep fake* no Jornal Nacional. **Revista ALTERJOR**. Ano 14, vol. 2, edição 28. Julho – dezembro de 2023. p. 591 – 602. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/212601/198627>>.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009. P. 77 – 83. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321/4596>>.

ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda [et al]. **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.